



REDATOR PRINCIPAL  
ALEXANDRE VIEIRA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação, administração e tipografia, Calçada do Combro,  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talhoba-Lisbon • Telefone 5339 C.  
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A organização sindical

em face do Partido Socialista  
em face da Revolução Russa

NOTAS & COMENTARIOS

**Um negócio** Um lúzido núcleo de sumidades se meteu há tempos, por falta de afeções ou de dinheiro, quem sabe lá, a arreganhar à massa, predicando a união estreita, perene, conjugal, da gente luza co's homens do Brasil. Que era a nação brasileira a nossa irmã, por muitas circunstâncias e mais uma, avultando entre todas a afinidade étnica, verificada principalmente no facto de terem os brasileiros dois olhos na cara, e um noutra parte — talvezmente sucede aos portugueses. A afinidade étnica estava, portanto, exuberantemente provada. Daí a propaganda de aproximação entre os dois povos, carinhosamente fomentada e já mais esquecida. Do lado de cá, o sr. João de Barros a gritar que gente tão simpática como a brasileira não havia em qualquer d'se sete partidas do mundo. Do lado de lá o sr. João do Rio, a jurar pela luz de seus olhos que isto de portugueses era de comer e chorar por mais. Sempre muito concordes e muito apegadinhos, os dois senhores Jóse: o de Barros e o do Rio. Para mais aquecer a propaganda o de Barros foi um dia ao Rio... de Janeiro. E assim ficaram estreitadas a mais possível as relações entre os dois povos.

Segue o programa do Partido Comunista:

## O Partido Comunista em França O SEU PROGRAMA

«A élite revolucionária não deve aguardar passivamente a queda do mundo burguês: deve, pelo contrário, lançar-se desde já ao trabalho para precipitar a ruína do velho edifício, e preparar o proletariado para a gestão da Sociedade Comunista.»

Em *Le Communiste*, órgão oficial do partido comunista em França, veio publicado o programa que abaixo inserimos. Há nelas afirmações interessantes, ousadas, denunciadoras de energia. Publicamo-lo como elemento de estudo, como depoimento dum corrente, explanação dum tática a confrontar com outras já aqui expostas. O mundo operário ferve, na ansiedade de libertar-se, e todos os esforços tendem a procurar a melhor fórmula. É preciso estudar a questão da nossa emancipação, o problema na nossa felicidade em todos os seus aspectos. A inserção destes documentos não significa que estejamos integrados nôs na sua orientação. Há, todavia, em todos eles, um lado comum: o lado revolucionário, o desejo sincero de arrasar os vigentes alicerces sociais. Por isso lhes damos publicidade.

Animados de boa vontade para que o conflito fosse resolvido, encontraram os ferroviários obstáculos difíceis de vencer, pois o governo manifestara pouco desejo de atender as suas reivindicações.

Foi aprovada em princípio a boicotagem aos industriais, mas para sua execução foram dados poderes à comissão de melhoramentos que há de assumir as suas funções, assim que a greve termine.

Falam ainda diversos oradores, um

dos quais propõe que uma comissão vá

saudar o jornal *A Batalha* e um al-

vitro para que essa comissão seja acom-

panhada dos que assim o entendam;

estes alvites são aprovados por aclamação, com vivas a C. G. T., *Batalha*, etc., findo o que se encerra a sessão e

toda aquela multidão se encaminha pa-

ra *A Batalha*.

Hoje reúne a classe pelas 13 horas,

na sede dos caixeiros, onde se deve tal-

vez apreciar a nova atitude que os in-

dustriais deveriam ter tomado na reu-

não de ontem.

Do Comitê da greve recebemos a se-

guinte comunicação:

Camaradas: Faz hoje oito dias que a classe

dos operários proclama a greve geral,

que é de grande e constante energia.

O Comitê comunica-las que hoje o pes-

soal das oficinas que estava subordi-

nado ao patronato, acabou de abandonar o

trabalho, vindos ainda muito a tempo para

a grande legião da classe, que exige a

completa satisfação das suas reivindicações e

que a classe tem sido manter.

Entre as oficinas em referência, conta-se

o Comitê saída com vivo entusiasmo.

O Comitê participa à classe que o exíto

das oficinas sindicais não pode ser mis-

comparado, porquanto a propaganda de

seus sucessos tem trazido freguesia, que vê

os lucros que lhe têm sido arrancados pe-

los industriais.

As oficinas sindicais, são hoje a experiê-

ncia prática de que o operário pode tomar

a direção da produção sem interferência

de intermediários que se acham a som

do lado dos seus produtores.

Que toda a classe tenha confiança em si

propria e não se esqueça de que a vitória

tem que ser o produto da nossa força e so-

bretado da união, não esquecendo nunca de

colocar as acima de tudo bem alto as re-

clamações de ordem sindical, pois estas sã

as de direitos dos operários.

Que contrário à resolução tomada de sô

domingo, reúne hoje os industriais

que se apresentaria, mas como vêem que a

classe já não é suscetível, vão talvez tratar

de outras reivindicações.

O Comitê aguarda com sangue frio as re-

solvências que os industriais tomarem e le-

mbre à classe que a completa satisfação das

nossas reivindicações não é assunto que pos-

samos desprezar, pois que é a certeza da

vida que nos impõe que se, agora fizer

isso, porque o contrário é de morte de lida-

Vale mais e é mais sobre morrermos lu-

tanando, do que mais tarde sermos vitimas da

tuberculose, cuja origem provém da carestia

da vida.

Viva a greve geral dos operários alfaia-

tes, que ora se encontram em luta

pelos suas justas reivindicações.

**Operários municipais**

Continua na mesma situação a greve

dos operários municipais, estando estes

dispostos a não retomarem o trabalho

enquanto não forem totalmente atendidos

as suas reivindicações.

Categóricamente este Comitê afirma

que o conflito ter uma solução imediata,

o que a não se fazer implicará

gravíssimas consequências de carácter

económico e financeiro, ao país e às em-

presas ferroviárias.

Em quanto esta situação se mantiver

o público não poderá entregar as suas

mercadorias ao caminho de ferro, porque

isso implicará necessariamente o seu desaparecimento como acaba de

suceder com algumas remessas, das

quais destacaremos a remessa G. V. N.º 66845 de Lisboa-Rocío a Cádiz cons-

tante de 3 grades de fruta verde com o

peso de 1.000 quilos despachada em 18

de outubro, que o seu dono não con-

seguiu encontrar apesar de ter dispen-

sado já em viagens, gratificações e des-

pacho 155\$14.

Este e outros factos dão diafanamente

tendo o público de os suportar por

um capricho do governo.

Novamente afirmamos que o mate-

rial ferroviário se inutilizará por com-

pleto, se as tentativas para a tão de-

cantada normalização, se continuarem a

observar.

Vai falar ao país a C. G. T. Ela,

como medianeira, dirá a quem cabem

as responsabilidades deste estado de

coisas e da nova rutura de negociações.

Aos ferroviários só lhes resta se

apresentarem a chamada alguma, e con-

tinuarem a greve com o entusiasmo e a

convicção da primeira hora, unidos for-

temente para atingir o fim justo porque

apareiram.

**Operários alfaiates**

Com larga concorrência realizou-se

ontem a assemblea desta classe sendo

lido um ofício dos operários alfaiates

que as nossas petições são justiça por

que as nossas reivindicações são desfundadas;

os boatos oportulados entre as nossas cla-

## AS GREVES

## O movimento nacional dos ferroviários

O governo, vendo interrompidas, pela sua estú-  
pida conduta, as negociações, chama militar-  
mente os ferroviários

A quebra de negociações entre os  
ferroviários e o governo tinha de dar-  
se fatalmente, porque este mostrou  
sempre uma persistente irreducibilidade  
diante àquele sindicato.

E' lida a nota do comitê que aconselha a classe a manter-se unida, comunicando que o pessoal da firma Rosas & Branco abandonou o trabalho.

Foi aprovada em princípio a boicotagem aos industriais, mas para sua execução foram dados poderes à comissão de melhoramentos que há de resumir as suas funções, assim que a greve termine.

E agora tenta novamente esmagá-los,  
convocando as brigadas militares no  
intuito de os levar a entregar-se sem  
condições.

Falam ainda diversos oradores, um  
dos quais propõe que uma comissão vá  
saudar o jornal *A Batalha* e um al-  
vitro para que essa comissão seja acom-  
panhada dos que assim o entendam;

estes alvites são aprovados por aclamação, com vivas a C. G. T., *Batalha*, etc., findo o que se encerra a sessão e

toda aquela multidão se encaminha pa-

ra *A Batalha*.

Hoje reúne a classe pelas 13 horas,

na sede dos caixeiros, onde se deve tal-

vez apreciar a nova atitude que os in-

dustriais deveriam ter tomado na reu-

não de ontem.

Do Comitê da greve recebemos a se-

guiente comunicação:

## A CONSPIRAÇÃO BURGUESA

Quando a burguesia, dez anos depois da queda da Comuna, viu continuar a marcha do movimento socialista internacional e compreender o perigo da revolução social que a ameaçava, o seu primeiro pensamento foi provocar as surreções operárias para afogá-las em sangue. Falava-se abertamente disso. O próprio medo de não poder dominar o movimento impedia a ação decisiva.

Mas, pouco a pouco, graças a certas circunstâncias, encontrou-sa outra política, mais eficaz, consistente em desencorajar as conquistas da democracia, que havia vinte e cinco anos todos julgávamos asseguradas nas nações civilizadas e aílar-se em torno dos fétiches religião e autoridade, que julgávamos já enterrados.

Não foi nem um congresso europeu, nem um salvador da burguesia, que inventou esta política. Nem sequer o seu programa jamais se formulou; mas observai tóda a Europa e vereis que foi aplicado com uma unanimidade surpreendente.

Nas suas palestras de sobremesa, entre as palavras trocadas dentro das carreguas de primeira classe a propósito dos sucessos diários, o *espírito do programa* ficou resolvido, aprovado, e o programa foi posto em execução. Tudo o mais foram Roma e os seus jesuítas, as igrejas protestantes e russa, assim como as damas inglesas da Liga da Herva, que serviram de intermediários. Desde as primeiras palavras os burgueses compreenderam-se e procederam em consequência.

O livr pensamento, a crítica científica e materialista, a instrução laica, as liberdades políticas, as instituições republicanas e até municipais, o direito à vida das pequenas nações, a autonomia local, o princípio federalista, tudo isto parecia adquirido, certo, inatacável, depois do ano 1848.

E não obstante, tudo se apresentou de novo, ponto por ponto, em França, na Inglaterra, na Alemanha, em Espanha, na Itália...

Ressuscitar tódas as questões referentes às conquistas da democracia, agrupar-se em volta de todos os velhos fétiches: eis aquí a grande conspiração burguesa, tanto mais perigosa quanto mais tática é, que não tem chefe nem comitê, que cada burguês pertence a sem pedir-lhe a sua filiação.

A esta imensa conspiração burguesa, que podemos opor?

Lutar no terreno a que, precisamente, se quer conduzir-nos? Já se tem feito isso, sem outro resultado que ver conspiração alargar-se, audazmente, e atacar os baluartes que nos pareciam menos atacáveis.

A esta surda declaração de guerra só podemos responder por um meio. Atacarmos em tóda a parte, em todos os sítios, por meio da greve, por meio da rebelião operária, levantando francamente a bandeira da revolução social. Aumento de salário... e abaixo o patrício Pão para poder viver hoje, mas também para poder derrubar amanhã a fortaleza capitalista.

Basta já de esperar tudo de chapéu na mão às portas das câmaras. E' tempo de o operário erguer a cabeça antes que o directorio, de que já se nos fala, o despoje das últimas liberdades que conquistou com o seu sangue.

O capitalista afoga-nos. E' necessário falar-lhe directa e abertamente.

Pedro KROPOTKINE.

## Traficâncias da Moagem

E' sabido que a Moagem é um Estado dentro do Estado. Instituição privilegiada, pode praticar tóda a casta de trâficâncias que ninguém lhe vai à mão.

Os próprios governantes, inflexíveis para com todos os nobres gestos das classes operárias, vergam-se, amoldam-se perfeita e servilmente aos desívolos, aos caprichos desse povo insaciável, que só tem em mira encher os seus cofres e esfomear o povo que ainda não teve um rasgo de energia para meter na ordem essa *força-viva*.

O capitalista sucedeu-se e a podreza escândalos sucedeu-se e a podreza Moagem impunemente os vai pondo em prática com prejuízo do Estado e do público.

Tem uma maneira admirável para ludibriar tódas as fiscalizações que sóbre elas possam ser exercidas, ficando sempre a salvo de quaisquer penalidades.

Assim, quase diariamente, os camões da Companhia Industrial Portugal e Colónias conduzem farinha de 1.º das fábricas do Bom Sucesso e Beato para a rua 24 de Julho, que não tem outro destino senão a confecção de bolos e bolachas. Parece que há uma lei que não permite tal aplicação à farinha, ou pelo menos a restringe, e então, para que não lhe seja apreendida, faz munir os condutores dos camões dumas guias indicando que o destino das farinhas é para diferentes padarias. No caso de a fiscalização interromper a marcha, só lhe presentes essas guias e o carro lá segue o seu destino, não para as padarias, mas para a fábrica, pois essa combinação é de antemão estabelecida, ficando assim a várnavos os fiscais encarregados de tal serviço.

Quando é feito o transporte de farinhas para o concelho de Cascais, à passagem das portas em Algés também a guarda fiscal é ludibriada, porque forma que a farinha vai, propostamente, a uma casa que não é a casa do guarda, e que só é a casa do guarda.

Não se importam os senhores padres, mongeiros ou quem governa, com as misérias do povo, tanto se lhe dando que este se e vêem com tais porcarias, pois se os ricos comem do bom pão e os pobres em dias que até vêm azeledo!

Ninguém se incomoda, só querem saber de si.

Os gráficos que ultimamente pediram 40% de aumento, alcançaram apenas o aumento de 20% da reunião agora os salários em 28%.

Na fábrica de 1.º de subsistências faz parte o sr. Alf. de Soares, que, da penitenciária do círculo de que fazia parte o actual presidente, quando do encerramento das contas que acusavam um saldo de 14.000.000, andou afirmando prospectos contra aquele saldo, garantido o da guarda, sendo assim chamado à presença do administrador de conciliação, que dizia ter sido um roubo à Bôlha do pobre.

Agora não se importa de fazer parte da dita comissão, de que em tempos disso se fizesse feira, que concorda que se roube o consumo. Tepa-lhe a boca nomeando-o para aquele lugar chorudo, onde pode agarrar a certos fulanos.

Foi aqui muito comentado o procedimento arbitrário da polícia para com a Bandeira Vermelha e para com o seu redator principal, o camarada Manuel Ribeiro.

Ora tudo isto faz a Companhia citada e o mais que lhe parece, porque claramente é que faz eses serviços muito contribui para que a Companhia arredade ilegalmente fabulosas quantias.

Porém, querem saber qual a consideração que tem por o pessoal que a isso se presta?

Despede-o por qualquer futilidade. Senão veja-se:

Há pouco, por um chauffeur, já com três anos de casa, trazer num camionete empregados da Companhia, foi despedido, o mesmo sucedendo a outro, que trouxe de Sintra dois amigos, que o haviam ajudado no arranjo do carro em virtude dum pane, sendo ate bem despedido o ajudante que culpa alguma teve com o caso.

Está assim o pessoal à mercê de vir para a rua por factos tão simples. E' a consideração que a Companhia tem pelos seus empregados, que lhe metem os cofres contos de réis, devendo os que lá estão continuar a fazê-lo... porque a paga dos seus serviços o que se está vendendo.

## Prisões arbitrárias

Ainda continua preso na cadeia do Barreiro o camarada Manuel Jesus da Silva, nosso correspondente em Pinhal Novo.

Segundo este camarada nos informa, foi há dias, a pedido do administrador do concelho, ouvido por um alferes, o qual lhe disse ter já os autos levantados, estranhando não ter sido entregue ao poder judicial, pois assumira a responsabilidade da célebre notícia, por quem o havia de pagar.

Pois se de fato o nosso correspondente está preso por causa da notícia, maior é a arbitrariedade cometida pelas autoridades, por quanto só aos respectivos tribunais compete averiguar, segundo a lei de imprensa.

No entanto, nesta *reinadâa* república, não se praticando destes verdadeiros crimes, esmagando e deturpando os principios de democracia que dizem estar integrados no regime.

Pessoas de consciência e de certo valor em Pinhal Novo, que conhecem de perto o camarada Jesus da Silva, tem-se insurgido contra a infâmia cometida, mas como ela satisfaz os caprichos reacionários, a torpe vingança continua.

Para maior sofrimento moral daquele nosso camarada, e aproveitando a sua prisão e a ausência da companheira que se encontra gravemente enferma no hospital de S. José, um malandro que trabalhava em sua casa, tentou abusar dumas suas filhas.

Impõe-se a liberdade daquele camarada porque é uma injustiça e um crime.

Ou os sítios principais também se componeram?

— Anteontem, quando foram ao quartel de sapadores de caminhos de ferro, em Campo de Ourique, visitar Edmundo Bispo, chefe dos trabalhos da ponte de Alcâcer, que ali se encontra preso, foram detidos os camaradas António Duarte, Jacinto Duarte e Cândido Ferreira, encarregados de carpinteiros e mestres de obras dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sendo conduzidos ao quartel geral e dali para o Depósito de Adidos, às Janelas Verdes, tendo sido postos em liberdade ontem às 15 horas.

## A BATALHA NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

PENAFIEL, 16

Falecimento do camarada António Teixeira

Faleceu no dia 12 do corrente, o nosso dedicado camarada António Teixeira, que sempre dedicou a sua vida ao serviço da humanidade, lutando esforçosamente para a vitória da liberdade, encarregando o vício da liberdade, para conquistar o direito de ser livre.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Teixeira, um dos seus mais leais amigos. Devido aos seus serviços, o seu nome é sempre lembrado quando se fala em liberdade.

A Batalha p. — António Te